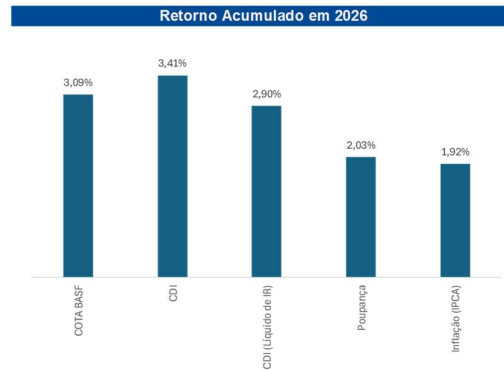
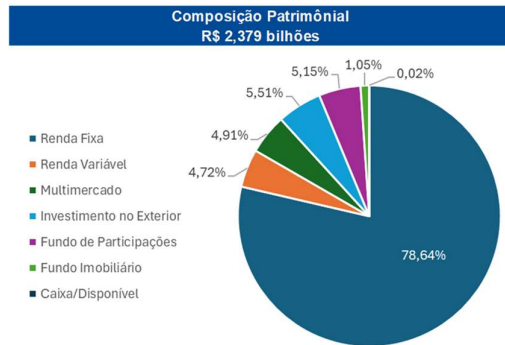


BASF Sociedade de Previdência Complementar
Informe Trimestral – Março 2026

Segmento	Retorno no ano	Percentual do CDI
Renda Fixa	3,12%	91%
Renda Variável	10,62%	311%
Multimercado	0,12%	4%
Investimento no Exterior	-1,17%	-34%
Fundo de Participações	5,14%	151%
Fundo Imobiliário	0,62%	18%
Cota BASF	3,09%	91%

Indicadores	Até Mar/2026	Expectativa 2026*
Selic (meta)	14,75%	12,50%
IPCA (12 meses)	4,14%	4,36%
Dólar (final do mês)	R\$ 5,2194	R\$ 5,40

* Fonte: Relatório Focus, BACEN, base 02/04



Comentários

O primeiro mês de 2026 foi marcado por um aumento da volatilidade nos mercados internacionais, principalmente nos EUA, e por alguns motivos fora do mapa dos investidores. Do lado geopolítico, o mês começou com a captura do presidente venezuelano e evoluiu com o aumento dos ruídos causados pela retórica de Donald Trump em relação à Groenlândia, que chegou a ameaçar impor tarifas de 10% sobre 8 países europeus em retaliação às suas manobras militares na região (que não se efetivou após um acordo com a OTAN). Outro ponto de ruído foi a abertura de investigação criminal contra o presidente do FED (em relação à reforma da sede do BC) pelo Departamento de Justiça, que foi encarado pelos investidores e pelo próprio Powell como instrumento de pressão política contra a autonomia do BC.

Devido ao aumento de instabilidade nos EUA, mesmo tendo melhorado com o recuo de Trump sobre a Groenlândia e com a indicação de um novo presidente do FED do agrado dos investidores, o movimento observado no ano de 2025 de rotação de investimentos, que fez com que parte dos recursos que iam para os EUA fossem redirecionados para outros países e mercados, continuou ocorrendo e beneficiou principalmente os mercados emergentes (incluindo o Brasil). Neste tema de instabilidade e geopolítica, fevereiro trouxe poucas notícias e foi um período mais calmo, fato que poucos pensavam que se reverteria por completo com o início do conflito no Oriente Médio entre EUA e Irã no apagar das luzes do mês e que continuou durante todo o mês de março, sem clareza de quanto ainda duraria e quais seriam seus impactos principalmente sobre a inflação e consequentemente as políticas monetárias (mesmo com a sinalização de Trump de que o conflito estava “chegando ao fim”).

Do lado da atividade e da economia real nos EUA, por um lado os dados divulgados ainda trouxeram números impactados pelo shutdown que durou metade do quarto trimestre de 2025, e por outro foram considerados como antigos diante das consequências que o bloqueio da região responsável pelo escoamento de cerca de 20% do petróleo teria sobre os países e suas economias a depender de sua duração. De qualquer maneira, os dados foram de forma geral mistos, com o PIB desacelerando do terceiro para o quarto trimestre, de 4,3% para 0,7%, as vendas no varejo oscilando entre contração e expansão e o mercado de trabalho saindo de uma performance notavelmente forte nos dados divulgados em fevereiro para destruição de vagas nos dados divulgados em março. Do lado da inflação, os números ou vieram dentro do consenso ou melhores do que ele, mas ainda rodando acima da meta, o que fez com que o Comitê de Política Monetária mantivesse as taxas de juros nas duas reuniões realizadas no período, com especial atenção dedicada ao Conflito e às incertezas geradas por ele na reunião de março, ocasião em que o Comitê aumentou o tom de cautela para futuras quedas (condicionando-as à maior clareza dos dados no futuro).

Desse modo, o cenário geopolítico mundial teve bastante protagonismo no trimestre, começando em janeiro e chegando ao seu ápice em março. Dados mistos da economia dos EUA, porém descartando maiores preocupações quanto a qualquer possibilidade de maior desaceleração da atividade ou com o mercado de trabalho, deram pano de fundo para que tanto o S&P500 como o MSCI World tivessem um bimestre inicial positivo. No entanto, o Conflito no Oriente Médio determinou o ritmo dos negócios nos mercados mundiais em março, gerando grande volatilidade e perdas para a maior parte dos ativos de risco, que somente não foram mais impactados devido à recuperação ocorrida nos últimos dias do mês com a sinalização de Trump sobre o possível fim próximo do Conflito. Como resultado, após grandes oscilações, as bolsas mundiais se recuperaram de seus piores momentos, mas ainda assim fecharam com quedas relevantes em março (S&P500 com baixa de 5% e o MSCI World em queda de 6,5%), fazendo com que o resultado do trimestre também fosse negativo (S&P500 -4,63% e MSCI World -3,88%).

No Brasil, o primeiro bimestre foi marcado por um noticiário mais esvaziado e de certa forma calmo, com a política pegando tração após o fim do recesso do Legislativo e da divulgação de pesquisas indicando uma possibilidade crescente de alternância no poder, e com dados mistos da atividade. Apesar de março também ter seguido com ritmo parecido, os movimentos nos mercados foram praticamente totalmente definidos pela evolução do Conflito no Oriente Médio, assim como pela dinâmica dos mercados internacionais.

Do lado da atividade, os números continuaram apresentando dados mistos, mas de modo geral corroborando o cenário de desaceleração que já vinha ocorrendo desde 2025. Indústria, varejo e serviços registraram comportamentos distintos em janeiro, os três recuaram em fevereiro e todos se recuperaram em março. Por outro lado, o mercado de trabalho continuou apresentando resiliência, apesar de uma certa perda de dinamismo, com o CAGED indicando criação de vagas de trabalho em todos os meses, mas com a PNAD indicando ainda baixa taxa de desocupação, mas que subiu de 5,1% em janeiro para 5,8% em março. Do lado da inflação e política monetária, o IPCA continuou apresentando comportamento mais benigno, influenciado pela desvalorização do dólar, e oscilou por volta de 4% no acumulado dos doze meses nos três meses, o que possibilitou ao COPOM promover a primeira queda da Selic na reunião de março, levando a taxa de 15% para 14,75%. Ainda sobre a inflação e a condução da política monetária, uma alteração relevante ocorreu ao longo de março, com as expectativas se deteriorando por causa principalmente do aumento do preço do barril do petróleo em função do Conflito no Oriente Médio, o que fez com que o COPOM optasse por uma redução menor da Selic (25pb), refletindo, inclusive, a ampla mudança de trajetória observada no mercado ao longo do mês (cujas expectativas migraram de um corte maior, entre 50 e 75pb, para apostas mais conservadoras).

No fechamento do trimestre, os mercados domésticos se comportaram basicamente em função de alguns eventos: a volumosa entrada de capital estrangeiro, causada pela rotação dos investidores internacionais (comentado na parte internacional), o comportamento da inflação (inicialmente benigno que migrou para uma deterioração das expectativas) e por consequência da política monetária, e do Conflito no Oriente Médio. Na Bolsa de Valores, a entrada líquida de R\$53,8 bilhões levou o Ibovespa à valorização acumulada de 16,3% no trimestre, após grande valorização em janeiro, bom rendimento em fevereiro e leve recuo em março, registrando importante recuperação das quedas sofridas em função da evolução do Conflito no Oriente Médio naquele mês. Na renda fixa, as estratégias prefixadas (representados pelo IRF-M) e atreladas à inflação (representados pelo IMA-B) tiveram um bom primeiro bimestre (janeiro melhor para o IRF-M, fevereiro para o IMA-B), mas as incertezas geradas pelo conflito e o grande aumento no preço do petróleo em março, deterioraram as expectativas para a inflação e prejudicaram as performances das estratégias. Com isso, o IRF-M encerrou o trimestre em 2,36% e o IMA-B em 2,98%, ambos abaixo do CDI do período de 3,41%.

